

Vivendo o Ministério

Paróquia São Sebastião, Porto Alegre/RS



O ministro é um servidor de Jesus na comunidade.

Empresta seus pés e dispõe-se a caminhar em nome de Jesus e da comunidade até o irmão doente e leva-lhe o Pão da Vida! É responsabilidade da comunidade dar atenção primeira aos mais necessitados fazendo chegar até eles a força do Pão Vivo, a Eucaristia. [...] Sem a força do Pão Vivo da Eucaristia, temos dificuldades em aceitá-los e, sem a certeza de que em Cristo todo o sofrimento e morte tornam-se nova vida e libertação, não conseguimos caminhar. Por isto, iluminados pela fé e fortalecidos pelo Pão da Eucaristia, seguimos com coragem o caminho de Cristo. O ministro é um

servidor e com esta consciência cristã ajuda, em nome de Deus e da comunidade de fé, no trabalho junto aos doentes.

A Missão do Ministro Extraordinário da Comunhão é assumir a identidade de Ministro da Comunidade e da Eucaristia, engajando-se na comunidade, construindo o Reino de Deus. Conhecer as necessidades da comunidade, seus apelos, as prioridades mais urgentes a serem respondidas. Concientizar-se, a partir da realidade, dinamizando as tarefas comunitárias, sob a luz da Palavra de Deus. Apoiar os grupos da comunidade, ajudando-os a um trabalho participativo de comunhão. Ministério é serviço na comunidade. Cristo é o Pão da vida. O Ministro não só distribui o Pão Eucarístico, mas está

comprometido com a "vida dos irmãos".

O Ministro deverá estar ligado profundamente a Cristo, dinamizando e fermentando a comunidade, promovendo a fraternidade. O Ministro é chamado a conhecer melhor sua fé, ao estudo permanente, e à vivência concreta da fé na comunidade, principalmente junto aos necessitados e doentes. É importante que o Ministro cultive sua fé, o espírito comunitário, cresça na consciência do anúncio do Reino de Deus e da denúncia daquilo que não constrói fraternidade. Cresça no dom de si mesmo, na espiritualidade Eucarística, visando transformação.

Adaptação—texto da Paróquia São Sebastião, Porto Alegre/RS

Sinal só é sinal, quando é sinal

(continuação na página 4)

“Se o sal perde o sabor, com que lhe será restituído o sabor? Para nada mais serve senão para ser lançado fora e calcado pelos homens” (Mt 5, 13).

Toda a fundamentação dos sacramentos ministrados pela nossa Igreja pode ser encontrada nas Sagradas Escrituras, mais especificamente, nas ações vividas por Jesus Cristo. Estes são sinais visíveis de Deus no mundo hoje e têm a finalidade de acompanhar toda a nossa caminhada, configurando-a e nos auxiliando no processo de nos configurarmos à imagem de Cristo.

Deus mesmo fala por sinais (“falou de muitas manei-

ras...”). Quando quis se tornar presente neste mundo para reconstruir seu plano, tornou-se um sinal. **Fez-se visível, palpável, através da encarnação tornando-se, pois um sacramento.** Voltando para o Pai, Cristo deixa-se continuar aqui através de um sinal: a Igreja. O mistério de Cristo perpetua-se na Igreja pela presença sua, que a serve mediante aqueles sinais instituídos por Ele próprio, que significam e produzem o dom da graça e são designados como sacramentos.

A palavra latina “sacramentum” significa, etimologicamente, algo que

santifica e equivale em grego ao vocábulo “mistério”: coisa sagrada, oculta ou secreta.

No A.T. já encontramos a realidade de sacramento, significando qualquer coisa sagrada ou religiosa: o Cordeiro Pascal, os sacrifícios, a circuncisão, etc. Mas, estas realidades diferem essencialmente dos Sacramentos do Novo Testamento, porque aqueles não produziam a graça, mas apenas eram figuras da graça que viria mediante a Paixão de Cristo.

[...]

Continua na página 4.

MATÉRIAS DA CAPA:

Vivendo o Ministério

“Conhecer as necessidades da comunidade, seus apelos, as prioridades mais urgentes a serem respondidas”

Sinal só é sinal, quando é sinal

“Se o sal perde o sabor, com que lhe será restituído o sabor? Para nada mais serve senão para ser lançado fora e calcado pelos homens”

AINDA NESTA EDIÇÃO:

Cuidado para que Deus não se torne sua vaidade 2

Com Pe. Fábio de Melo

Algumas faces da Comunhão 3

Coletânea reflexiva do CIC

Iluminar 4

Com Pe. Fábio de Melo

Continuação 4

Materia da Capa

Cuidado para que Deus não se torne sua vaidade Pe. Fábio de Melo.



A igreja precisa descobrir uma forma chegar até o coração do artista. Não pela mesma via, o mesmo jeito que se chega ao coração das pessoas. Você tem um jeito de ser, precisa ser tratado na sua diferença. Pois, se não cuidamos do jeito que somos, nos transformamos em monstros. O romântico corre o risco de ver a vida passar sem viver, perdendo o senso da realidade em ilusões.

A inveja é o grande risco da primeira desintegração do nosso coração de artista, em querer o que não nos pertence. Uma das coisas que me impressiona em Jesus é a sua capacidade de fazer com que os outros tomem posse do que realmente é. Pare de se imaginar e se projetar em realidades que não são concretas em sua vida, pois isso é o mesmo que não viver.

O conceito de pessoa dentro da filosofia e da teologia é estabelecida dentro de dois pólos: 1º Ser pessoa é se dispor de si; 2º É se dispor para o outro.

Pois, se você não é dono daquilo que é seu, como você irá oferecer ao outro? Conversão é processo de tomada de posse daquilo que se é. Deus não pode trabalhar a partir do que não sou ou finjo ser, ele não trabalha com fantoches. Ser pessoa é antes de qualquer coisa a disposição, tendo diante dos limites, qualidades, fazer vale a pena.

Não pode haver ser humano realizado, feliz e cristão se não existe a busca naquilo que se é. A sua conversão passará por essa compreensão.

Graças de Deus não é uma realidade que esta acima de nós, mas é um movimento que nos faz refletir naquilo que somos, para que eu descubra quem sou eu.

A nossa natureza artística é naturalmente artificial. Se por um lado somos dotados de profundidade, por outro lado caímos facilmente em artifícios. Muitas vezes porque nossas vidas se ilumina com algumas novidades. A nossa alma é estética, temos uma facilidade muito grande para se encantar pelo estético, não é defeito, é diferença que precisa ser domada.

A nossa instabilidade afetiva é tão concreta que se não nos projetamos para aquilo que somos, nos tornamos prostitutos de luxo. Corremos atrás de qualquer artifício que passa, dando respostas rápidas. Não sabendo demorar, nos decepcionamos e cavamos dentro de nós uma ausência de disposição de si.

Colocando a vida na mão do outro, deixando que este se decida por você. Assim, você não tem condições para se dispor pelo outro, porque se deixou de dispor de si. É por isso que o compromisso para os artistas são difíceis de ser levados adiante.

Cuidado para que Deus não se torne a nossa vaidade. O destino desta vaidade é você que escolhe, você a domina ou ela te domina. A nossa vaidade se multiplica de várias formas, não invente um personagem.

Descubra onde está o seu maior defeito que você descobrirá

onde está a sua santidade. Uma coisa é saber o que somos, outra coisa é saber o que fazemos com o que somos e o pior é o que deixamos com que outro façam conosco. Não tenho direito de me deixar transformar na imaginação do outro.

Se você assume o compromisso de saber o que Deus fez e faz em sua vida. Você começa a trabalhar na parceria com ele, pois o que Deus fez ainda não está pronto. Ele lhe dá as sementes, o plantio é seu. Deus não vem plantar a sua florista. Se você quiser firmar sem medo na verdade antropológica essa é a verdade “da raiz que me fez fruto, eu desfruto a Divina condição”.

O homem é o “tu” de Deus, ele acontece plenamente no coração quando se dispõe a ser o que Deus é. Você é Deus na vida da sua namorada, de seu filho, não é assumir uma divindade a parte, a nossa divindade só acontece na participação, na comunhão naquilo que é. Se você sai da mira de tudo o que é sagrado, você não sabe mais quem é você. Isso é viver a identificação com Deus. É viver a arte deser humano e divino ao mesmo tempo, não são realidades que se opõe mas, parceria de realidades que se dão juntas.

Viva uma história de amor com você mesmo e não permita que o outro lhe seqüestre. Apaixone-se por você! O amor ao outro só é possível no momento em que nos amamos.

Padre Fábio de Melo

“Se você assume o compromisso de saber o que Deus fez e faz em sua vida. Você começa a trabalhar na parceria com ele, pois o que Deus fez ainda não está pronto”

Oferecimento:

Programa Livre Soul

“Atualizando o Tempo Litúrgico em nossas vidas”

Quintas, das 20h às 22h

Com o MESC José Renato Velasco e o Catequista Bruno Velasco

Deus de Aliança

“Um milagre Ele quer realizar”

Segundas, das 17h às 19h

Com Marcellão

Aliança FM : 98,7 Mhz

... do Catecismo: algumas faces da Comunhão.

C.47.8 Comunhão do homem com as Pessoas divinas

§259 Obra ao mesmo tempo comum e pessoal, toda a Economia divina dá a conhecer tanto a propriedade das pessoas divinas como sua única natureza. Outrossim, toda a vida cristã é comunhão com cada uma das pessoas divinas, sem de modo algum separá-las. Quem rende glória ao Pai o faz pelo Filho no Espírito Santo; quem segue a Cristo, o faz porque o Pai atrai e o Espírito o impulsiona.

§737 A missão de Cristo e do Espírito Santo realiza-se na Igreja, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo. Esta missão conjunta associa a partir de agora os fiéis de Cristo à sua comunhão com o Pai no Espírito Santo: o Espírito prepara os homens, antecipa-se a eles por sua graça, para atraí-los a Cristo. Manifesta-lhes o Senhor ressuscitado, lembra-lhes sua palavra, abrindo-lhes o espírito à compreensão de sua Morte e Ressurreição. Torna-lhes presente o mistério de Cristo, eminentemente na Eucaristia, a fim de reconciliá-los, de colocá-los em comunhão com Deus, a fim de fazê-los produzir "muito fruto".

§850 A origem e o escopo da missão. O mandato missionário Senhor tem sua fonte última no amor eterno da Santíssima Trindade: "A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária. Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai". E o fim último da missão não é outro senão fazer os homens participarem da comunhão que existe entre o Pai e o Filho em seu Espírito de amor.

§1107 O poder transformador do Espírito Santo na liturgia apressa a vinda do Reino e a consumação do mistério da salvação. Na expectativa e na esperança ele nos faz realmente antecipar a comu-

nhão plena da Santíssima Trindade. Enviado pelo Pai que ouve a epiclesse da Igreja, o Espírito dá a vida aos que o acolhem e constitui para eles, desde já, "o penhor" de sua herança.

C.47.9 Comunhão do homem com Cristo

§787 Desde o início, Jesus associou seus discípulos à sua vida revelou-lhes o Mistério do Reino, deu-lhes participar de sua missão, de sua alegria e de seus sofrimentos. Jesus fala de uma comunhão ainda mais íntima entre Ele e os que o seguiriam: "Permaneci em mim, como eu em vós... Eu sou a videira, e vós os ramos" (Jo 15,4-5). E anuncia uma comunhão misteriosa e real entre o seu próprio corpo e o nosso: "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele" (Jo 6,56).

§790 Os crentes que respondem à Palavra de Deus e se tornam membros do Corpo de Cristo ficam estreitamente unidos a Cristo: "Neste corpo, a vida de Cristo se difunde por meio dos crentes que os sacramentos, de forma misteriosa e real, unem a Cristo sofredor e glorificado". Isto é particularmente verdade com relação ao Batismo, pelo qual somos unidos à morte e à Ressurreição de Cristo, e com relação à Eucaristia, pela qual, "participando realmente do Corpo de Cristo", "somos elevados à comunhão com ele e entre nós".

§1331 Comunhão, porque é por este sacramento que nos unimos a Cristo, que nos toma participantes de seu Corpo e de seu Sangue para formarmos um só corpo; denomina-se ainda as "coisas santas: ta hágua" (pronuncia-se "ta háguia" e significa "coisas santas"); sancta (coisas santas) este é o sentido primeiro da "comunhão dos santos" de que fala o Símbolo dos Apóstolos pão dos anjos,

pão do céu, remédio de imortalidade, viático...

C.47.11 Comunhão do homem com os mistérios de Jesus

§520 Em toda a sua vida, Jesus mostra-se como nosso modelo Ele é "o homem perfeito" que nos convida a tomar-nos seus discípulos e a segui-lo: por seu rebaixamento, deu-nos um exemplo a imitar; por sua oração, atrai à oração; por sua pobreza chama a aceitar livremente o despojamento e as perseguições.

§521 Tudo o que Cristo viveu foi para que pudéssemos vivê-lo nele e para que Ele o vivesse em nós. "Por sua Encarnação, o Filho de Deus, de certo modo, se uniu a todo homem." Nós somos chamados a ser uma só coisa com Ele; Ele nos faz partilhar (comungar), como membros de seu corpo, de tudo o que (Ele), por nós e como nosso modelo, viveu em sua carne.

C.47.13 Comunhão dos bens espirituais

§949 Na comunidade primitiva de Jerusalém, os discípulos "mostravam-se assíduos ao ensinamento dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações" (At 2,42).

A comunhão na fé. A fé dos fiéis é a fé da Igreja, recebida dos Apóstolos, tesouro de Vida que se enriquece ao ser compartilhado.

§952 "Punham tudo em comum" (At 4,32). "Tudo o que o verdadeiro cristão possui, deve considerá-lo como um bem que lhe é comum com todos, e sempre deve estar pronto e disposto a ir ao encontro do indigente e da miséria do próximo. O cristão é um administrador dos bens do Senhor.

Fonte: CIC, Catecismo da Igreja Católica. Edições Vaticano.



Oferecimento:

Portal de Catequese Católica

www.catequistabruno.com

- Formação •
- Material de Apoio •
- Reflexões •
- Apostilas •
- Liturgia •
- E muito mais.

***“Não choreis!
Ser-vos-ei mais útil
após a minha morte e
ajudar-vos-ei mais
eficazmente do que
durante a minha vida.”***

São Domingos de Gusmão

“Passarei meu céu fazendo bem na terra.”

Santa Teresinha do Menino
Jesus



Oferecimento:

Portal de Catequese Católica

www.catequistabruno.com

"Em outros tempos as cidades precisavam dos acendedores de lâmpadas. Eram eles que acendiam as pequenas chamas que iluminavam as ruas e vielas dos lugares.

Penso minha opção de vida a partir deles. É assim que me interpreto. Tudo o que faz parte do meu contexto sacerdotal não tem outro objetivo senão acender luzes. Todos os desdobramentos de meus atributos humanos eu os coloco na vivência feliz de esparramar luzes pelos caminhos por onde ando.

Por vezes consigo, por vezes não. Mas não desisto. Tenho gravado na alma as marcas da Luz Suprema. É na direção dela que ousou colocar o meu rumo. Sou filho da esperança que

brotou do Sepulcro Vazio, lugar onde a vida prevaleceu sobre a morte e a luz triunfou sobre as

sombras. Sou filho deste novo tempo. Trago na alma os estigmas da Luz que Cristo acendeu na história. É dele que recebo o ofício que considero semelhante aos acendedores de lâmpadas.

É minha alegria esparramar a luz recebida. Tenho consciência que a ação de Deus no mundo passa o tempo todo pelas escolhas humanas. A humanidade é o lugar teológico, espaço privilegiado da ação divina. Deus é a luz. Nós somos seus lâmpadas. Mas somos também seus acendedores. Uma vez iluminados precisamos acender aqueles que permanecem apagados, porque desconhecem a

fonte que tudo clareia. Este é o movimento que pode transformar o mundo. Movimento de acender luzes, iluminar. Porque onde esta luz estiver acesa lá estará a verdade, a justiça, a fraternidade, o respeito e a paz. Queira a luz. Nas pequenas coisas, prefira a luz. Penetre nas arestas do mundo, polvilhe com grãos de claridade os subterrâneos tão envolvidos pela sombra e pelo abandono. A mística que a humanidade precisa passa o tempo todo pela metáfora da luz. Iluminados e iluminantes. Queiramos. Iluminuras, sinais luminosos, arandelas pelas ruas do mundo. Sejamos.

Com meu carinho e bênção,

Padre Fábio de Melo."

- Formação
- Material de Apoio
- Reflexões
- Liturgia

E muito mais.

Sinal só é sinal, quando é sinal

Leonardo Núñez de M Reis e Pe Celson Altenhofen

[...] Os sacramentos são expressões de fé, de união da graça e da bênção de Deus que nos leva a comprometer-nos cada vez mais com nossos irmãos, nos faz crescer na capacidade de servir e transformar a sociedade; por isso Deus nos criou para sermos felizes, nos deu inteligência e liberdade, mas em troca pediu o nosso amor e nossa fidelidade. Jesus Cristo é o grande sacramento do amor para com os homens: sinal visível e eficaz.

Jesus viveu conosco, passou por este mundo fazendo o bem, morreu, ressuscitou. Quis permanecer sempre perto de nós, encontrando-se conosco. Esses encontros são os sinais de amor de Jesus por nós. Os sacramentos são sinais certos de sua presença amiga durante toda a nossa vida. Só Jesus Cristo poderia inventar tais encontros: são frutos do seu amor.

Por serem ações de Cristo e da Igreja, sinais e meios pelos quais se exprime e se fortalece a fé, se presta culto a Deus e se realiza a santificação das pessoas, em sua celebração, os ministros sagrados e os outros fiéis devem usar de suma veneração e devida diligência (cf cân. 840).

Os sacramentos não têm poderes mágicos, não são simpatias para afastar mau-olhados ou coisas do gênero, não servem para trazer sorte e nem servem como milhas para se chegar ao céu. Não será o número de vezes ou quais os sacramentos que recebi ao longo da vida que me conduzirão à visão de Deus; não é isso que me fará experienciar o seu Amor, enfim, não é o mero ritualismo repetitivo que me levará ao céu. O importante é a coerência da minha vida em consonância com os sacramentos que recebi, celebrei e aos quais respondi com a vontade de conformar-me a Cristo, de fazer a minha vida semelhante com a de Cristo.

Entretanto, as práticas sacramentais ao longo da história, sobretudo depois de Constantino, foram tomando proporções e caminhos que, por vezes, as afastaram da sua intencionalidade original. Esse

afastamento foi transformando os sacramentos num pragmatismo exagerado, correndo o grande risco de não serem mais sinais de Deus para os homens, de não fazerem mais sentido. O que preocupa é o perigo de os sacramentos serem reduzidos em meros ritualismos, dessalgando-os, pois o sal que perde seu sabor não servirá para mais nada, a não ser para ser pisoteado pelos homens. E, infelizmente não é raro vermos diversos abusos e distorções em relação aos sacramentos, tanto da parte de quem os ministram, quanto da parte de quem os procuram.

A Igreja orienta: “os pastores de almas e os outros fiéis, cada um conforme seu próprio múnus eclesialístico, têm o dever de cuidar que todos os que pedem os sacramentos estejam preparados para recebê-los, mediante devida evangelização e instrução catequética” (cân. 843 § 2).

O matrimônio é certamente o sacramento que mais padece de distorções e mal-entendidos. Inúmeros casais, que não praticam a religião católica, não foram crismados e não frequentam as missas, não sabem o que é vida de e em comunidade, por questões sociais ou por credulidades, procuram a igreja mais bonita ou mais barata para se casarem. Muitos acham que só serão uma família se casarem na Igreja e dela receberem as bênçãos, o que não constitui em si o sacramento do matrimônio, que é algo bem diferente e maior que uma simples bênção.

Em contrapartida, os sacerdotes muitas vezes acolhem esses casais quase que obrigados porque existe o direito ao casamento na Igreja para quem apresenta um mínimo de disposição, mediante pagamento dos custos do casamento, e realizam aquela cerimônia que é inconsistente. Até usa-se o discurso equivocado de que é uma oportunidade de conversão daquele casal, esquecendo-se que uma conversão autêntica é um processo e não se dará num evento social, o que é, de fato, a visão de muitos que pedem o casamento na Igreja. Depois não há como lamentar a visão errônea do

povo que acha que pode alugar a Igreja ou lamentar outras aberrações do gênero. Sem entrar na questão polêmica da idade para se batizar - no princípio somente adultos eram batizados, o que mudou depois da reforma constantina - na administração do sacramento do batismo também há diversos equívocos. Batiza-se por diversas razões: evento social, trazer sorte e bom sono ao bebê, espantar mau-olhado ou para curar de alguma enfermidade, etc. Em sua grande maioria, os pais não são católicos praticantes e não têm a menor consciência e vivência religiosa para avaliar a dimensão do sacramento que estão pedindo. Por melhor que sejam as palestras de preparação para o batismo, elas não são suficientemente eficazes em vista de uma compreensão ampla do sacramento do batismo para quem não frequenta e não professa a religião.

O sacramento da reconciliação é visto, muitas vezes, de forma bem limitada, como se este fosse apenas um “bombril divino”, que apaga as manchas do seu pecado, sem levar em conta a exigência de uma séria revisão de vida e o comprometimento autêntico de conversão. A celebração eucarística e, mais especificamente a comunhão sacramental, é às vezes vista de forma muito alienada, sem conexão com o dia a dia do indivíduo, esquecendo-se do “Fazei isto em memória de mim”. Ou seja, sem considerar que comungar é fazer da sua vida a memória de Cristo, com suas atitudes, gestos e palavras. Comungar não é apenas um momento de interiorização que acaba ao término da missa.

Enfim, diversas são as distorções que todos percebemos e permitimos, por vezes até incentivando, na prática dos sacramentos, o que faz com que estes cada vez mais percam o seu sabor e sentido. E esta situação é preocupante, pois além de distorcer uma verdade revelada, dificulta o crescimento, o avivamento e a ação transformadora de Deus na vida das pessoas.